

NUNO MAGALHÃES

# ELUCIDÁRIO

## DE TERMOS VITÍCOLAS

PORTUGUESES, REGIONAIS E VERNÁCULOS

Edição revista e aumentada



AUTOR

**Nuno Magalhães**

TÍTULO

**Elucidário de Termos Vitícolas – Portugueses, Regionais e Vernáculos | edição revista e aumentada**

PRÉMIO

Distinção CNOIV 2020 - Viticultura

EDIÇÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

Praça da Corujeira n.º 38 · 4300-144 PORTO

Tel. 220 939 053 · E-mail: geral@quanticaeditora.pt · www.quanticaeditora.pt

CHANCELA

Agrobook – Conteúdos de Agronomia e Engenharia Alimentar

DISTRIBUIÇÃO

Booki – Conteúdos Especializados

Tel. 220 104 872 · Fax 220 104 871 · E-mail: info@booki.pt · www.booki.pt

REVISÃO DA EDIÇÃO ORIGINAL

Daniel Gouveia

REVISÃO DA EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

DESIGN

Fátima Marques

FOTO DA CAPA

Nuno Moreira

IMPRESSÃO

maio, 2021

DEPÓSITO LEGAL

482589/21



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós.

Copyright © 2021 | Todos os direitos reservados a Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda. e ao Autor.

A reprodução desta obra, no todo ou em parte, por fotocópia ou qualquer outro meio, seja eletrónico, mecânico ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor e do Autor, e ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.

Por opção do autor, este livro não segue o novo Acordo Ortográfico de 1990.

CDU

634.8 Viticultura. Videiras. Vinhas

81'28 Dialectologia. Linguística geográfica. Dialectos, regionalismos

ISBN

Papel: 9789899017535

E-book: 9789899017542

Catálogo da publicação

Família: Agronomia

Subfamília: Viticultura

# ÍNDICE

---

Nota do Autor .....	VII
Prefácio .....	IX
Lista de Abreviaturas .....	XIII
Elucidário de Termos Vitícolas de A a Z	
Letra A .....	16
Letra B .....	36
Letra C .....	44
Letra D .....	68
Letra E .....	76
Letra F .....	96
Letra G .....	106
Letra H .....	112
Letra I .....	115
Letra J .....	123
Letra L .....	124
Letra M .....	127
Letra N .....	137
Letra O .....	139
Letra P .....	142
Letra Q .....	159
Letra R .....	160
Letra S .....	168
Letra T .....	175
Letra U .....	182
Letra V .....	184
Letra X .....	192
Letra Z .....	193
Referências Bibliográficas .....	CXCV



ELUCIDÁRIO  
DE TERMOS VITÍCOLAS

---

DE A a Z

# ELUCIDÁRIO DE TERMOS VITÍCOLAS

## LETRA A

**ABA** – *reg. da Madeira* – linha de videiras que, muitas vezes, se encontram na parte superior dos muros; linha e videiras que limitam os poios. (J. T.)

**ABACELAR ou EMBACELAR** – termo popular antigo, ainda hoje usado do Douro, que designa plantar o bacelo na vinha. (ver BACELO)

**ABAFAR A MANTA** – *reg. da Madeira* – (ver MANTA)

**ABAFAR A VINHA** – *Cascais – Indicação Geográfica de Lisboa* – aconchegar, no Inverno, a terra junto ao tronco das videiras, para que se não acumule água em excesso (TAVARES DA SILVA, D. A., 1944). Sin. ABEIRAR, ACOMPANHAR.

**ABAFO** (camada de) – *Cartaxo reg. do Tejo* – a terra cortada pela rasca ou a redra, no Verão, para suprimir as ervas ruins e arrasar bem o terreno da vinha. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1944)

**ABAIXAR A VIDEIRA** – *Barcelos – reg. dos Vinhos Verdes* (TAVARES DA SILVA, D. A., 1944) – (ver MERGULHIA)

**ABANCAR** – *reg. do Douro* – uma das operações incluídas na técnica da “surriba de caras acima”. (ver SURRIBA DE CARAS ACIMA, INSTALAÇÃO DA VINHA NO DOURO, SURRIBA À FAIXA E FUNIS ou SURRIBA À VALA)

**ABAS** – *reg. da Madeira* – denomina-se assim as latadas inclinadas. (TAVARES DA SILVA, D.A., 1944)

**ABEIRAR** – *Figueira de Castelo Rodrigo* (ver ABAFAR A VINHA)

**ABELADA** – *reg. do Douro* – diz-se de uma vara de videira que, após a sua poda, por deficiente conservação, se encontra já muito desidratada, cujo interior mostra medula que se fragmenta ao corte por navalha e restantes tecidos de cor verde pálido ou amarelado, pelo que não estará apta a enraizar ou para garfo de enxertia.

**ABEXEIRO ou AVESSEIRO** – *reg. do Douro* – terreno baixo e húmido (geralmente impróprio para o cultivo de uva para produção de vinho de qualidade). (TAVARES DA SILVA, D. A., 1944)

**ABOTOAR** – *reg. de Trás-os-Montes* – (ver ABROLHAR)

**ABOTOAR DAS FLORES** – *Salvaterra de Magos – reg. do Tejo* – designa-se assim a floração da videira. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1944) – (ver FLORAÇÃO)

**ABOTOAR DAS FOLHAS** – *reg. do Tejo* (TAVARES DA SILVA, D. A., 1944) – (ver ABROLHAMENTO)

**ABRAÇOS** – (ver GAVINHA) (TAVARES DA SILVA, D. A., 1944)

**ABRASADO** – *reg. da Madeira* – diz-se do cacho que está queimado pelo sol. (J. T.)

**ABRE-REGOS** – (ver ABRE-VALAS)

**ABRE-VALAS ou ABRE-REGOS** – *Indicação Geográfica de Lisboa* – alfaia de dupla aiveca adjacentes e formão comum, muito utilizada em viticultura quando se pretende executar um vala suficientemente profunda (40-50 cm) na entrelinha, para incorporação de correctivos (calcário, matéria orgânica) e elementos minerais pouco solúveis, nomeadamente o fósforo, e o potássio em solos de textura não arenosa. (S. N.)

**ABRIGO** – *reg. do Douro* – construção de arquitectura vernacular, do Douro, independente ou

dando origem ao embrião com  $2n$  cromossomas, e por um outro gâmeta masculino com o núcleo secundário originando o endocarpo com  $3n$  cromossomas. As restantes células, não sendo fecundadas, acabam por ser reabsorvidas. (MAGALHÃES, N., 2015).

**ANDARES ou CABEÇOS** – (ver CABEÇOS)

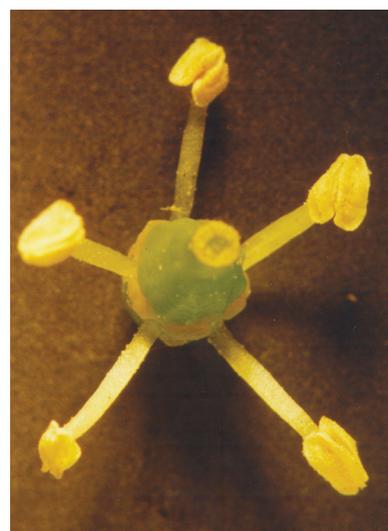
**ANEAR** – *Torres Novas – Indicação Geográfica de Lisboa* – rebaixar a videira (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942)

**ÂNGULO GEOTRÓPICO** – ângulo formado entre as raízes extremas e a vertical, sendo característico das espécies de videira, quando medido numa solução aquosa de muito baixa concentração. Assim, independentemente de factores ambientais do solo (fertilidade, humidade, arejamento...), os HPE de sangue *Rupestris* terão um ângulo pequeno, revelando aptidão profundante, e os de sangue *Riparia* um ângulo mais aberto, revelando aptidão para solos mais férteis e de maior humidade superficial.

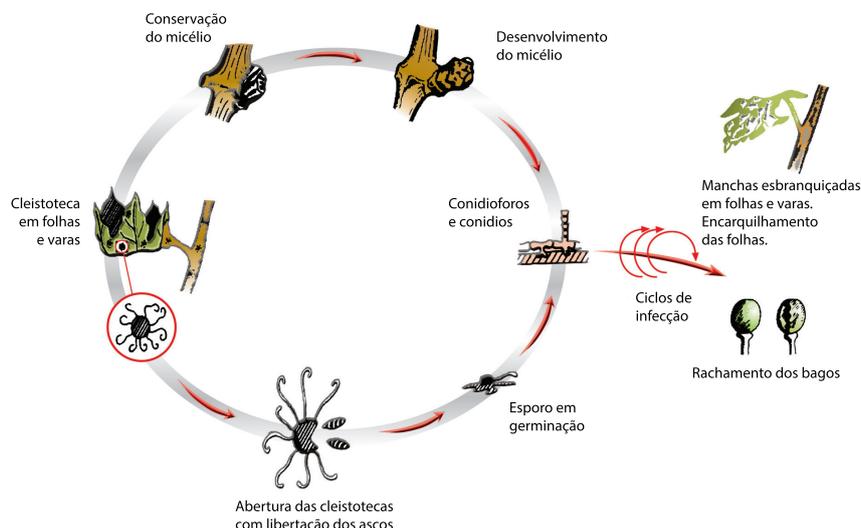
**ANO DE LEVANTE** – primeiro ano de formação da videira no qual vai entrar em produção, à qual corresponde respectiva poda de formação da videira (S.N.)

**ÂNTESE** – queda ou deiscência da caliptra da flor, dando origem à floração e fecundação dos óvulos. A deiscência normal é designada por “deiscência em caliptra” devido ao destacamento das pétalas se efectuar a partir da sua base de inserção, e “em estrela”, mais raramente, e por motivos de ordem climática, genética ou patológica, quando a deiscência se processa pela parte superior da caliptra, a qual normalmente se manifesta depois por desavinho e bagoinha. (MAGALHÃES, N., 2015).

**ANTOCIANAS** – compostos fenólicos que nas castas tintas se vão acumulando na película durante a maturação (nas castas tintureiras, para além da película, as antocianinas estão também presentes na polpa). Durante a fermentação, são extraídas pelo álcool, pelo que em geral quanto maior teor em açúcares dos bagos, maior será a intensidade corante do mosto. A síntese das antocianinas nos bagos depende das condições ambientais, em particular dos valores da temperatura e das amplitudes térmicas diárias. Em climas relativamente frescos durante o período da maturação, é menor a sua síntese, pelo que os mostos e vinhos serão mais abertos de cor, sucedendo o contrário em climas de verão quente. Elevados valores de amplitude térmica são igualmente favoráveis à síntese das antocianinas. Também as condições de vigor e a estru-



Ântese



## Bandeiras

clima, mais chuvoso e húmido, é mais susceptível à doença. – (ver OÍDIO)

**BAR** – unidade de pressão usada em viticultura para medir o potencial foliar através de medições com a câmara de pressão de Scholander, podendo também ser expressa por Mega-Pascals. (1 Bar = - 0,1 MPa).

**BARBACÃS ou BALDROEIROS** – *reg. do Douro* – aberturas quadrangulares, situadas na parte superior dos muros pré-filoxéricos, do fundo da encosta ou junto aos caminhos, semelhantes aos pilheiros, para suporte de videiras, e também, como primeira função, destinadas à circulação das águas para evitar a erosão e a ocorrência de “ASSAPADAS”. Muitas vezes possuíam uma laje saliente que lançava a água para o exterior sem que escorresse pelo muro. (FAUVRELLE, N. 2013)

**BARBADO ou BACELO BARBADO ou BARBADA** – designação dada aos baceLOS com raiz, para novas plantações ou reposição de falhas na vinha. – (ver PORTA-ENXERTO, BACELO). (VILLA MAIOR, V., 1866; RODRIGUES DE MORAIS, M., 1990).

**BARBANTE** – *reg. da MADEIRA* – (ver ATILHO)

**BARBEAÇÃO ou BARBEAMENTO** – supressão de raízes que os garfos das enxertias de videira facilmente emitem e que é indispensável suprimir (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942). Sin. FAZER A BARBA AO MANSO.

**BARDO** – renque de videiras ligadas por arames e esteios de xisto ou de granito, postes de madeira, postes metálicos, de betão ou de outros materiais. Relativamente à região dos Vinhos Verdes, CINCINATTO DA COSTA, B. C. (1900)



Barbacãs



---

### *Biscoitos da Terceira*

terá origem na forma dos pequenos calhaus que cobrem a superfície do solo, que lembrariam os biscoitos que os navegadores levavam para comer, no tempo das Descobertas (L. B.)

**BLACK DEAD ARM – BRAÇO MORTO NEGRO – NECROSE DO LENHO** – (ver COMPLEXO DOS FUNGOS DO LENHO)

**BLACK FOOT** – (ver PÉ NEGRO)

**BLACK-ROT** ou **PODRIDÃO NEGRO** – doença da vinha cujo agente causal é o fungo *Guignardia Bidwellii*, que se vem expandido ultimamente nas vinhas. Os primeiros sintomas surgem na página superior das folhas, por pequenas manchas escuras circulares, rodeadas por uma auréola avermelhada de 2 a 10 mm, que no seu interior apresentam pequenas pontuações escuras (picnídeos). Os sintomas podem também ocorrer em outros órgãos verdes e no cacho, provocando a sua seca. Para o seu combate aplicam-se fungicidas preventivos homologados para a doença.

**BOEIROS** – (ver PILHEIROS)

**BOLOR DA VINHA** – *reg. dos Biscoitos da Terceira* – (L. B.) – (ver OÍDIO)

**BORBOTO** – designação dada à fase inicial de desenvolvimento do pâmpano, correspondente aos estados fenológicos D e E. Também designado antigamente por PIMPOLHO (ALARTE, V., 1712).

**BORBOTO** – pâmpano em fase inicial do crescimento, após o ABROLHAMENTO. Sin. PIMPOLHO

**BORO** – microelemento que desempenha um papel fundamental na proliferação meristemá-



---

*Borboto*

## ELUCIDÁRIO DE TERMOS VITÍCOLAS

---

### LETRA C

---

**CABANEJO** – Cabrela – cesto de vindima.

**CABEÇA DE SALGUEIRO** – Sin. CABEÇA DE GATO – forma de condução, de tronco muito baixo e poda muito curta, pelo que a maioria dos lançamentos são emitidos por gomos dormentes ou por gomos estipulares. Esta forma de condução é usada nas vinhas de pés-mãe de porta-enxertos, com o objectivo de se obter varas vigorosas e longas, permitindo assim um alto rendimento de estacas para enraizar, ou em zonas semiáridas (de que é exemplo a viticultura do *Planalto Mirandês da região de Trás-os-Montes*) para permitir que a videira capte a pouca água existente no solo, quer pela diminuição da altura do tronco e dos seus vasos lenhosos, quer para redução da área foliar total da videira e conseqüente diminuição de perdas de água para a atmosfera, por transpiração.



**CABEÇA DE GATO** – (ver CABEÇA DE SALGUEIRO)

**CABECEIRAS** – extremos dos bardos da vinha que suportam todos os esforços, pela aplicação de diversas opções de ancoragem (Espias, Arriostas, Estroncas, etc...).

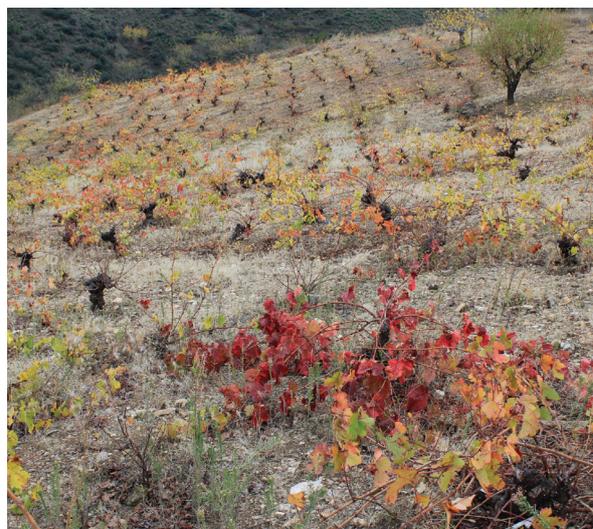
**CABEÇO** – *Ilha de S. Miguel – Açores* – tutor da videira – (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942)

**CABEÇO** – *Guimarães – reg. Vinhos Verdes* – “Diz-se assim as 3-5 pernadas que se deixam na árvore de vinho, quando esta árvore é podada em vaso” – (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942)

**CABEÇOS ou ANDARES** – designação dada às zonas dos nós das árvores que tutoram as videiras de Enforcado, na Região dos Vinhos Verdes, das quais após a poda da árvore emitem rebentos, designados localmente por VERGAS, que suportam as varas de vinho, ou balseiros. (P. M.)

**CABRESTILHOS** – *Chamusca – reg. do Tejo* – laçadas que sujeitam as varas da videira na empa. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver EMPA)

**CABRESTO** – *Almeirim – reg. do Tejo* – atilho da empa – (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver EMPA)



---

*Cabeça de Salgueiro – Planalto Mirandês*

**CICLO VEGETATIVO** – ciclo anual de desenvolvimento da videira. Divide-se numa fase de repouso vegetativo, que decorre desde a queda da folha e o abrolhamento no ano seguinte, e uma fase activa que compreende os seguintes fenómenos: abrolhamento, ântese, floração, fecundação, vingamento do bago, pintor, maturação e queda da folha. Durante a fase de vida activa são ainda considerados diversos estados fenológicos para identificação mais precisa de cada estado vegetativo.

**CIGARRINHA BRANCA** – cicadelídeo cujo nome científico é “*Scaphoideus titanus* Ball”, vector do fitoplasma da Flavescência Dourada, identificado, ainda de forma esporádica nas regiões do Douro e dos Vinhos Verdes, em 1998 e 1999. Entretanto tem-se expandido rapidamente, pelo que foi necessário criar zonas de intervenção prioritária (zonas ZIP), nas quais é obrigatório o seu controlo através de insecticidas específicos.



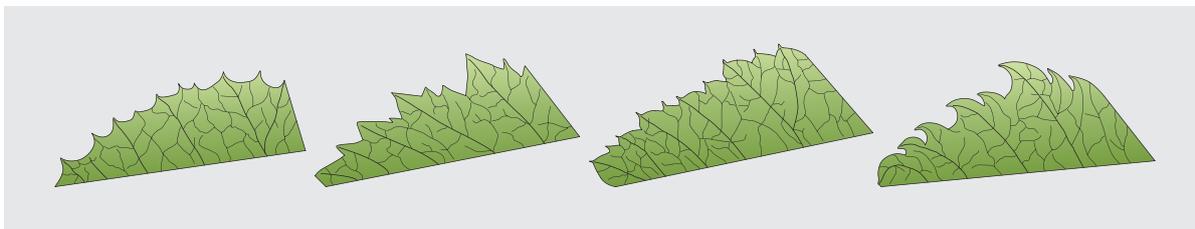
Sintomas da Cigarrinha Verde

**CIGARRINHA VERDE** – cicadelídeo que compreende várias espécies da ordem Homoptera, das quais as mais representadas em Portugal são a “*Jacobiasca lybica*” e a “*Empoasca vitis*” e que constitui uma praga importante em determinadas regiões, provocando estragos consideráveis por destruição da clorofila das folhas, com graves prejuízos para a maturação, em particular em castas de maior sensibilidade.

**CINZA** – *regs. da Madeira* – (J. T.) Chaves e Sintra. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver OÍDIO)

**CINZEIRO** – designação dada, em algumas regiões vitícolas no norte do Continente e também na região da Madeira, aos sintomas do oídio, caracterizados pelo aparecimento de um pó branco ou acinzentado que cobre os órgãos verdes da videira, espesso e pulverulento, resultante de múltiplas cadeias de conídios dos conidióforos (órgãos de disseminação secundária da doença). Também recebe por vezes as designações de pó ou de poeira, devido ao seu aspecto característico. No Elucidário Madeirense (2.<sup>a</sup> edição, 1998), é referido o termo Cinzeiro pelo texto seguinte: “Era conhecida outrora por esta denominação uma moléstia que atacava com frequência as vinhas madeirenses. Há quem tenha querido identificar esta moléstia, cujos caracteres não são hoje bem conhecidos, como a mangra, mas esta opinião não nos parece justificada, porquanto se o *Oidium Tuckeri* existisse na ilha desde épocas remotas, não é crível que as nossa vinhas pudessem ter-lhe resistido, visto a eficácia do enxofre, contra este parasita, só depois de 1850 haver sido conhecida. É mais natural admitir que o cinzeiro fosse provocado pela *Botritis cinerea*, pelo *Fumago vagans*, pela *Pestalozzia Meneziana* ou por qualquer outro dos fungos que ainda hoje aparecem na videira, mas sem lhe causarem grandes prejuízos” – (ver OÍDIO)

**CINZELAMENTO DOS CACHOS** – poda parcial dos cachos de castas de uva de mesa, com uvas já formadas, para que fiquem com melhor configuração e aspecto para o consumidor. Sin. MOSQUEAR O CACHO ou TOSQUIA DA UVA.



### *Dentes da Folha*

e altura dos dentes. Estas características constituem uma das bases da caracterização ampeleográfica (filométrica) de castas ou de outras espécies ou cultivares do género *Vitis*.

**DERRIBAR ou DERRUBAR** – “Metter debaixo da terra algum braço ou vara de videira, para a multiplicar. Em partes do Minho diz-se Derribar ou Derrubar”. (RODRIGUES DE MORAIS, M., 1900) – (ver Mergulhia)

**DERREIGADA** – *reg. de Trás-os-Montes* – (ver Surriba)

**DERRUBAR** – *reg. dos Vinhos Verdes* – mergulhar as videiras no segundo ano da plantação, para as conduzir junto ao tronco da árvore tutor. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942)

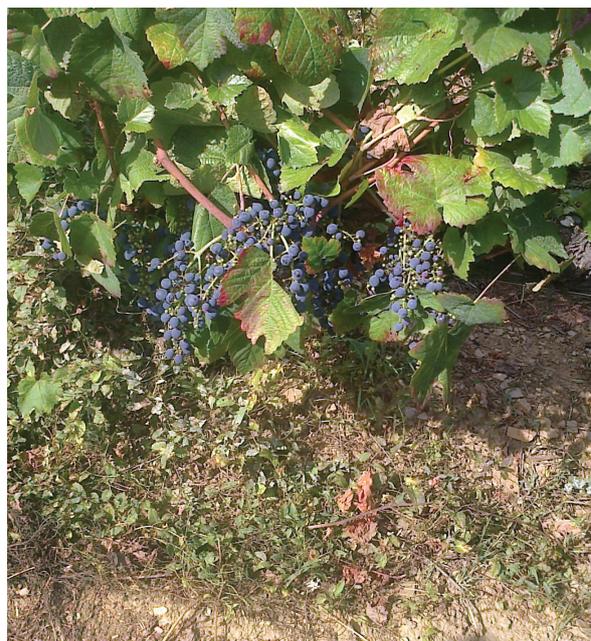
**DESABAR A TERRA** – *Braga* – *reg. Vinhos Verdes* – apertar a terra na mergulhia.

**DESABROCHAR** – *reg. de Trás-os-Montes* – (ver Abrolhar)

**DESABROLHAR ou DESABROLHAMENTO** – *reg. de Trás-os-Montes* – (ver Abrolhar)

**DESAVINHO – DESAVINHAR** – fenómeno que se traduz por queda de flores e de pequenos bagos no início do vingamento, deixando o cacho com um número, variável, inferior ao característico da casta, acompanhado frequentemente pela presença de pequenos bagos que não se desenvolvem (bagoinha). O desavinho pode ter origem: patológica, da responsabilidade de determinadas pragas (traça da uva por exemplo), de doenças criptogâmicas ou de viroses;

acidental, por ocorrência de fenómenos meteorológicos ou por erros humanos na aplicação de pesticidas; nutricionais, por carência de determinadas micronutrientes, dos quais é exemplo o boro, ou por excesso de fertilizações azotadas que incrementem em demasia o vigor; genética, por anomalias da flor ou por tendência de determinados clones de algumas castas mais sensíveis a este fenómeno; fisiológica, por desequilíbrios no balanço dos hidratos de carbono ou hormonais. Também na região do Minho é usada a designação “O Vinho desapareceu” para a queda das inflorescências provocadas pela *Botrytis* durante uma Primavera chuvosa. Sin. de DESBAGOAMENTO, BAFORDAR, ESBAGOAR, ESMOER, ESGALHAR, MANCAR, RAREAR, UVAS OGANADAS, MACHIO.



*Desavinho*

**ENXERTO DE BILHARDA** – *Alter do Chão* – *reg. do Alentejo* – (ver ENXERTO DE FENDA INGLESA)

**ENXERTO DE CAIXA** – *Torres Vedras* – *Indicação Geográfica de Lisboa* – enxertia de fenda simples – (ver ENXERTIA)

**ENXERTIA DE CASA ABERTA** – *reg. de Setúbal* – enxertia que se pratica nas videiras velhas, para substituir a parte aérea – (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver SOBREENXERTIA)

**ENXERTIA DE CUNHA** – *Almeirim* – *reg. do Tejo* – (ver ENXERTIA DE FENDA CHEIA)

**ENXERTIA DE FENDA CHEIA** – Sin. de ENXERTO DE FÊMEA INTEIRA ou ENXERTO ATESTADO – (ver ENXERTIA)

**ENXERTIA DE FENDA INGLESA** – enxertia de campo em que se dá um entalhe oblíquo no garfo e outro idêntico e simétrico no cavalo, justapondo-se, o que dá origem a uma união perfeita entre câmbios, desde que ambos os biontes tenham igual calibre. Sin. ENXERTO DE BILHARDA

**ENXERTO DE CAVALO RACHADO** – *reg. dos Biscoitos da Terceira* (L. B.) – (ver ENXERTIA)

**ENXERTO DE FÊMEA INTEIRA ou ENXERTO ATESTADO** – *Castelo Branco* – *reg. da Beira Baixa* – (ver ENXERTO DE FENDA CHEIA)

**ENXERTIA DE SERROTE ou DE RENOVA** – *reg. do Douro* – de fenda simples no tronco das videiras cansadas e que se destinam à mergulhia. Enxertia funda, de *vinifera* sobre *vinifera*, cujo garfo emitia raízes, que davam uma renovação. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942)

**ENXERTO DE DUPLO GARFO** – (ver ENXERTIA e ENXERTIA DE FENDA CHEIA)

**ENXERTO ENLAÇADO** – *Ericeira* – enxerto pegado ou vingado (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942)



*Produção de plantas envasadas*

**ENXERTO ENVASADO** – enxerto-pronto que, após a formação do calo de enxertia em câmara de forçagem, em vez de ir enraizar em viveiro, é colocado em pequenos vasos de turfa, em abrigo sobre tabuleiros com aquecimento basal para promover uma rápida formação de raízes. Estas plantas são plantadas na vinha definitiva no final da Primavera do próprio ano, essencial-



*Enxerto-pronto*



A



B



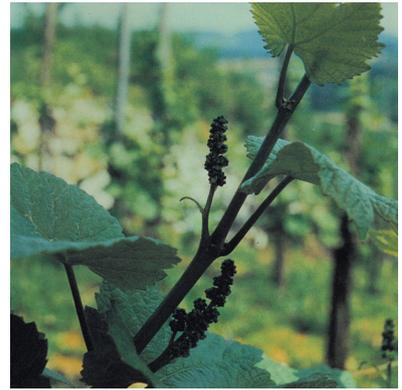
C



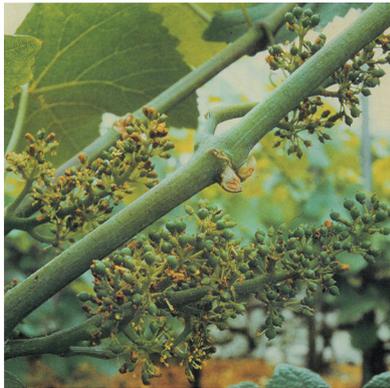
D



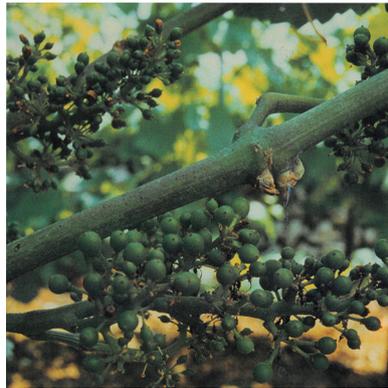
E



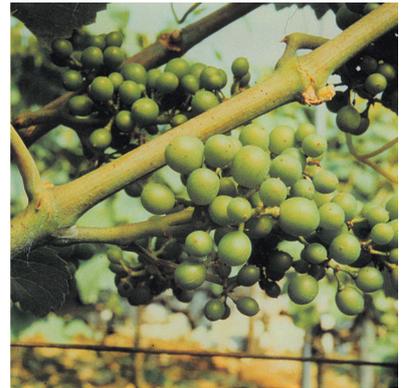
F



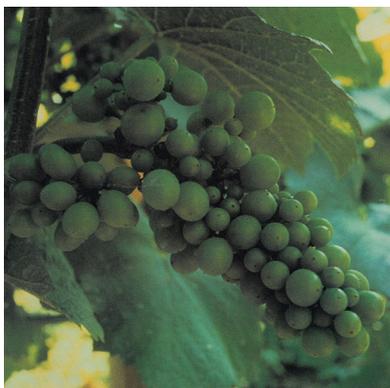
G



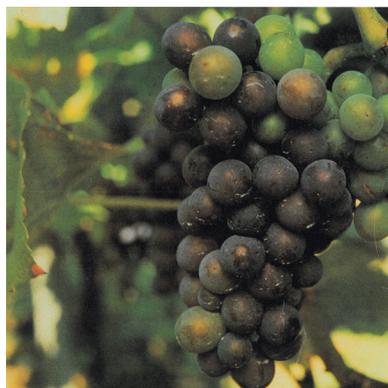
H



I



J



L



M

*Estados fenológicos da videira, segundo Baggioini. Adaptado de Novartis.*

alcançando por vezes os 8000 pés por hectare (4 x 6 palmos de distância entre cepas).

**FORMAS DE CONDUÇÃO DO DOURO PRÉ-FILOXÉRICO** – a condução tradicional da vinha antes da crise filoxérica, contemporânea à invasão do oídio e míldio, que destruíram a maior parte dos vinhedos, era formada geralmente por uma vara e por um talão ou espera, onde assentava a poda do ano seguinte e subsequentes. A vara era horizontalizada e apoiada ou tutorada, por estacas de madeira retiradas de arbustos, sendo os mais comuns a esteva, a urze, a giesta, o carrasco ou o medronheiro, também designadas nalguns locais por CHAQUIÇAS (N. F.). Aqueles tutores tinham, por sua vez, designações específicas: o primeiro, a seguir à torsão da vara, designava-se por



*Formas de Condução Pós-Filoxéricas*



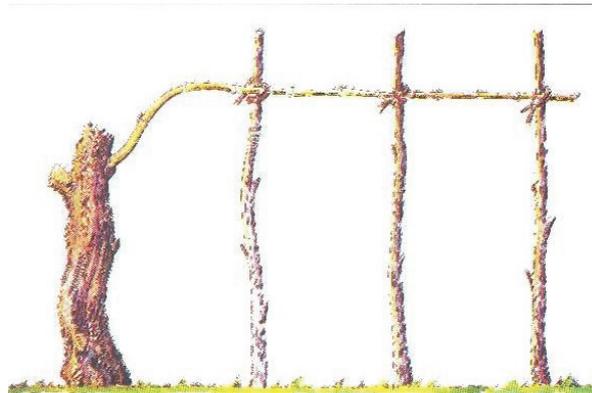
*Formas de Condução Pré-Filoxéricas*

PAU DE ESPERA; último tutor, o que sustentava a extremidade da vara de vinho designava-se por PAU DO FIM; o tutor intermédio entre aqueles tomava o nome de PAU DE FORRAR. Para além das estacas, não havia qualquer outra forma de suporte, ou seja, de esteios e de arames, cuja estrutura só surge nos finais do século XIX, e que ainda hoje subsiste nas vinhas tradicionais não mecanizáveis.

**FORMIGA BRANCA ou TÉRMITA** – praga ocasional e pontual, provavelmente introduzida a partir das antigas colónias africanas, onde é muito frequente (designada por SALALÉ), da responsabilidade da espécie de formiga *Reculitermes lucifugus*, que se instala através das raízes no interior do lenho, sobretudo em videiras decrépitas, podendo ocasionalmente surgir na medula das varas.

**FORQUILHA** – *reg. de Basto – reg. dos Vinhos Verdes* – estaca com 30 a 50 cm, com que se levanta a videira cultivada em touça. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942). Sin. de FORCAS, PONTÕES, FRADE, TOUÇA.

**FÓSFORO** – macronutriente que faz parte da composição dos fosfolípidos das membranas celulares e de vários componentes químicos, tendo como principais funções o transporte de energia que preside ao metabolismo dos açúcares e incremento de ápices vegetativos (importante no desenvolvimento radicular parti-



no segundo ou subsequentes. Quando evoluem dão origem aos lançamentos designados por Ladrões, geralmente estéreis que, ou deverão ser eliminados ou, pelo contrário, aproveitados para refazer ou corrigir a forma de condução quando esta se desvia da concepção original. Sin. CARRAÇAS, OLHO MORTO.

**GOMO ou OLHO HIBERNANTE** – gomo que, formado num ano na axila das folhas do pâmpano, só no ano seguinte evolui sob a forma de pâmpano (de fertilidade variável), e que evolui para vara atempada, ou sarmento, que constituirá a poda do ano seguinte. Sin. GEMA HIBERNANTE.

**GOMO PRONTO** – gomo que se forma na axila das folhas, anexo ao gomo ou olho hibernante, que quando evolui no próprio ano dá origem às “netas”. Sin. GEMA PRONTA.

**GOMO SECUNDÁRIO** – gomo ou gomos, situados na base do gomo hibernante, de constituição mais simples do que este, nomeadamente a nível de fertilidade, que evoluem em maior quantidade e vigor quanto o vigor da própria videira é elevado.

**GOMOS AXILARES** – (ver GOMOS ESTIPULARES)

**GOMOS DA ENTRE-UNHA** – (ver GOMOS ESTIPULARES)

**GOMOS DA VIDEIRA** – na videira podem ser observados: gomos ou olhos hibernantes, gomos secundários, gomos prontos, gomos estipulares ou axilares ou também designados no Douro por da “entre-unha”, e gomos dormentes. – (ver OLHO)

**GOMOS DO EMBASAMENTO** – (ver GOMOS ESTIPULARES)

**GOMOS ESTIPULARES** – pequenos gomos simples, que rodeiam a base dos pâmpanos, podendo evoluir ou não, em função do estado de vigor da cepa. Sin. de GOMOS AXILARES, GOMOS

DA ENTRE-UNHA, GOMOS DO EMBASAMENTO, TRESOLHOS.

**GOREIRA** – *Pocinho/Vila Nova de Foz Côa – reg. do Douro* – diz-se sobretudo da videira que, por qualquer motivo, produz poucos cachos e imperfeitos (REBELO, J. M., 1982, *apud* BARROS, V. F., 2006).

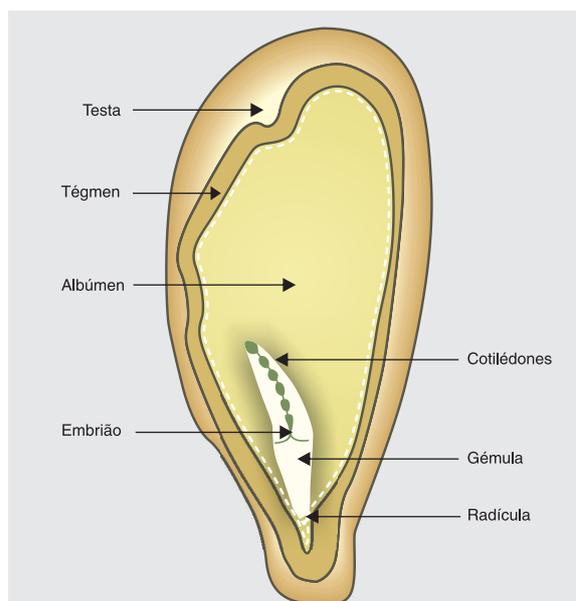
**GORGULHO** – (ver PEDROTO)

**GÔRRA** – *Cadaval – Indicação Geográfica de Lisboa* – vara de videira, das mais compridas, que se suprime na poda e se utiliza para atar os molhos de vides (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942)

**GOTA OU ALFORRA** – designação antiga para Antracnose, (SOUSA, P., 2004) – (ver ANTRACNOSE e ALFORRA)

**GRÃ** – *região da Madeira* – (J. T.) e região do Douro (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver GRAINHA)

**GRAINHA** – semente da videira, constituindo o órgão reprodutor da videira por via sexuada, cujo número varia de 1 a 4 por bago, com excep-



*Grainha*

## LETRA I

**IBE (INIBIDORES DA BIOSÍNTESE DO ERGO-ESTEROL)** – um dos grupos de fitofármacos de acção sistémica, para controlo do oídio da videira.

**IDADE DAS FOLHAS** – desde a fase do abroilhamento, quando surgem as primeiras folhas ainda jovens, à medida que o pâmpano se desenvolve, as folhas basais vão gradualmente ganhando dimensão e funcionalidade, nomeadamente em termos de actividade fotossintética. Esta pode ser descrita segundo uma curva sigmóide que atinge seu máximo cerca de 60 dias após a sua formação, decrescendo depois progressivamente até final do ciclo vegetativo. Assim sendo, pode considerar-se que, já duran-

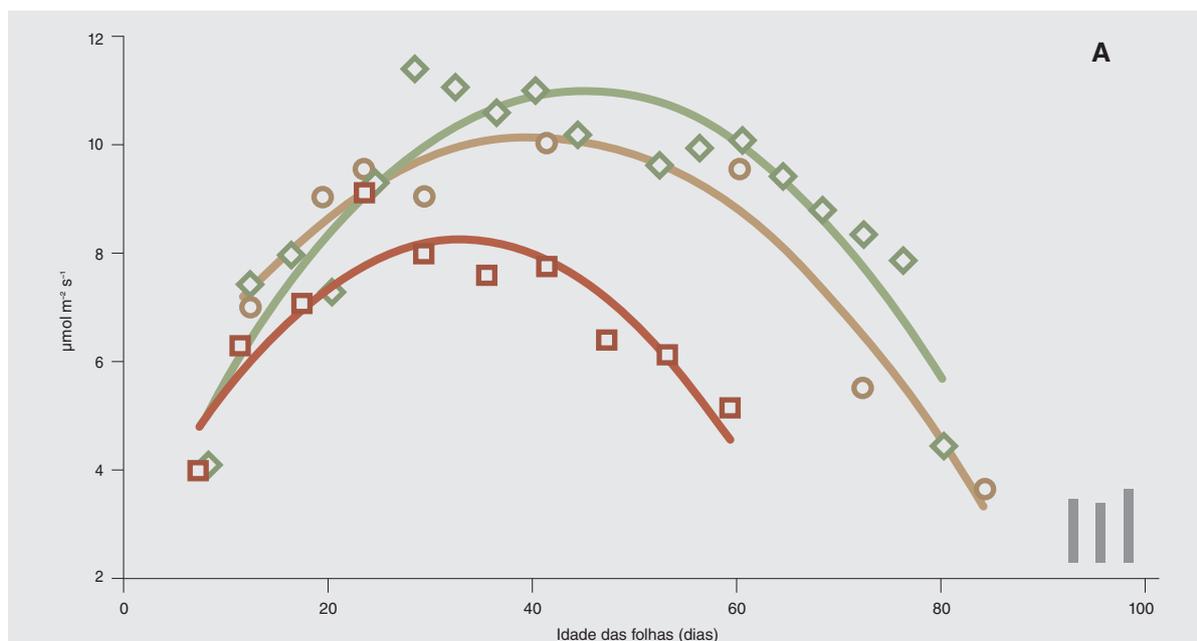
te a fase de maturação, as folhas que asseguram a maior actividade fotossintética são as folhas que se formaram mais tarde, nomeadamente as correspondentes às das netas.

**IMBRER** – *Salvaterra de Magos* – *reg. do Tejo* – formação do calo de enxertia. – (ver CALO DE ENXERTIA)

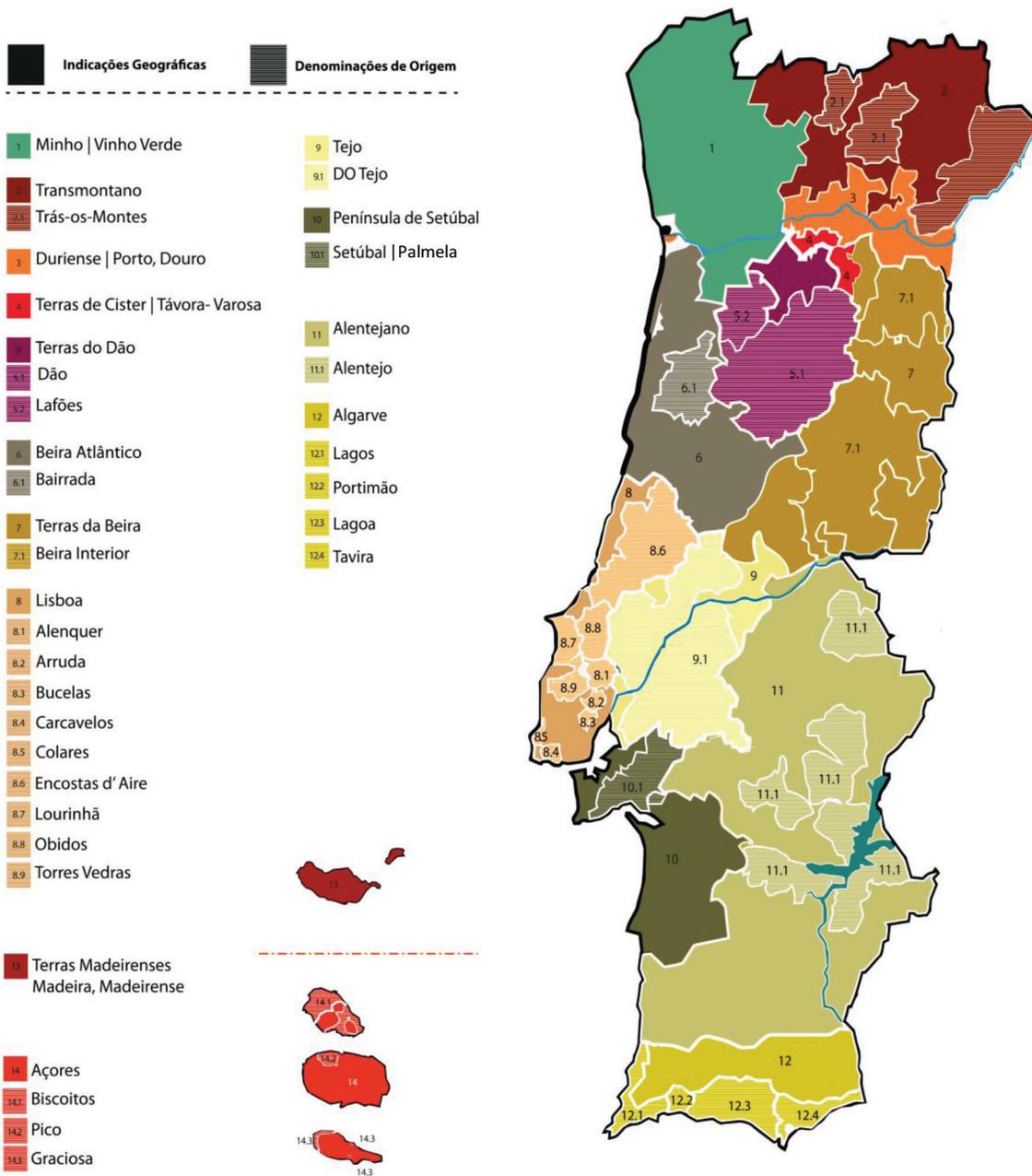
**INCISÃO ANELAR** – operação em verde, aplicada por vezes na cultura de uva de mesa, consistindo num corte em anel, da vara ou braço, na zona inferior aos cachos, com eliminação dos vasos lenhosos, pelo que, passando a funcionar apenas os vasos liberinos, transportadores de açúcares, os canalizam totalmente para os cachos em maturação.

**INÇO** – *reg. da Madeira* – gomo ou rebento duma planta, incluído na videira (J. T.)

**INDEXAGEM** – técnica de despistagem de viroses em porta-enxertos e em castas, no processo de selecção clonal, que consiste em enxertar a planta que se pretende testar quanto ao seu estado sanitário com uma planta indicadora isenta do vírus que se pretende analisar. Existem



*Idade das folhas*



Fonte: Instituto da Vinha e do Vinho, I.P.

*Denominações de Origem e Indicações Geográficas*

teínas, fosfatases e peroxidases. As exigências em magnésio pela videira são elevadas, embora as respectivas fertilizações sejam feitas pontualmente, nomeadamente nos casos de carência acima referidos.

**MAIRRÃO** – *reg. da Beira Baixa* – ramo ladrão. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver LADRÕES – LANÇAMENTOS LADRÕES)

**MAL BRANCO** – *região do Ribatejo* – designação dada ao oídio, a que atribuem também popularmente os nomes de MAL DE ENXOFRE e MALESTIA. (PP/FT) – (ver OÍDIO)

**MAL DE ENXOFRE ou MAL BRANCO** – *reg. do Ribatejo* – (PP/FT) – (ver OÍDIO)

**MAL NEGRO** – (ver NECROSE BACTERIANA)

**MALADIE D'OLERON** – (ver NECROSE BACTERIANA)

**MALESTIA** – (ver MAL BRANCO e OÍDIO)

**MALHÕES** – *reg. do Douro* – montes de terra, feitos nas cavas das vinhas e que, naquelas que não são redradas, só são desfeitos no ano seguinte, na ocasião em que se faz a escava de águas ou encaldeiramento. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver ESCAVA DE ÁGUAS, REDRA, ENCALDEIRAMENTO.)



*Carência de Magnésio*

**MAMÕES** – *várias regiões* – (ver LADRÕES – LANÇAMENTOS LADRÕES)

**MALIOLO** – “Bacello, vinha nova, e de poucos anos. Os Hespanhoes dizem Majuello”. (VITERBO, Fr. J., 1865) – (ver BACELO)

**MANCA** – bardo incompleto, mais curto, relativamente aos restantes da parcela de vinha, muito frequente nas vinhas “ao alto” quando o perfil do terreno se apresenta de forma relativamente côncava ou convexa, de molde a um eficaz aproveitamento do espaço.

**MANCAR** – (termo antigo) – “desavinhar fortemente” (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver DESAVINHO – DESAVINHAR)

**MANCHA DE ÓLEO** – primeiro sintoma visível de míldio, após cerca de 8 a 10 dias após a contaminação da folha, traduzindo-se por uma mancha do tipo oleoso na sua página superior; antes do aparecimento da esporulação em manchas de coloração branca, na página inferior. – (ver MÍLDIO)

**MANGANÊS** – micronutriente que se encontra no solo sob a forma de óxidos insolúveis ou de ião  $Mn^{2+}$  cuja mobilidade depende essencialmente dos valores do pH. É responsável pela manutenção da estrutura dos cloroplastos, tem um papel catalisador em determinados proces-



*Míldio – Sintoma de Mancha de Óleo*

LETRA O

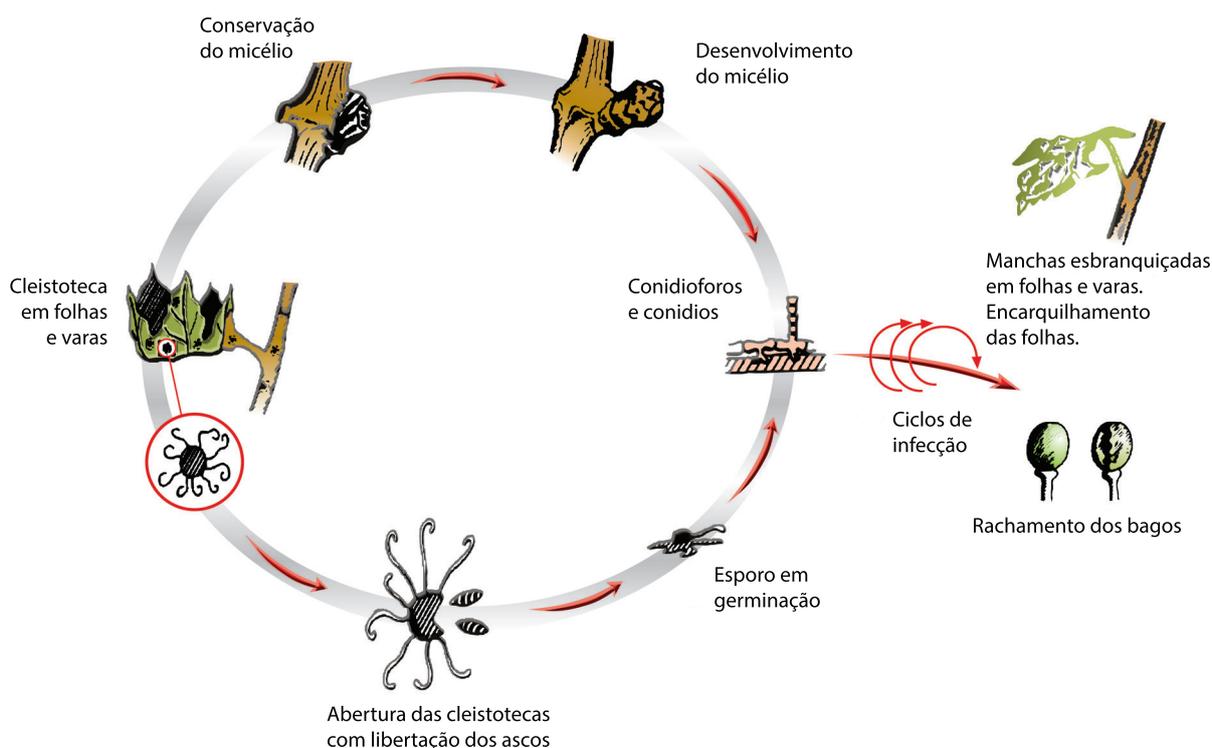


**OFEGAR** – Murça – reg. de Trás-os-Montes – (SILVA, A. M., 2002, *apud* BARROS, 2006) – (ver EMPASSAR)

**OÍDIO** – doença da vinha cujo agente causal é um fungo parasita obrigatório de vários géneros da família “Vitaceae”, sendo representado na sua forma perfeita por *Erisiphe necator* e na imperfeita por *Oidium tuckeryi*. A doença, introduzida acidentalmente a partir da América do Norte, surge em Portugal no início da década de 50 do século XIX, “mais propriamente em 1852

*Oídio*

nas vinhas junto à Régua, espalhando-se rapidamente por toda a região do Douro provocando enormes estragos quer a nível da parte vegetativa da videira, folhas, pâmpanos e cachos, quer a nível da produtividade e qualidade das uvas. A título de exemplo dos prejuízos causados por esta doença, transcreve-se um trecho do Visconde de Vila Maior, quando de uma sua visi-



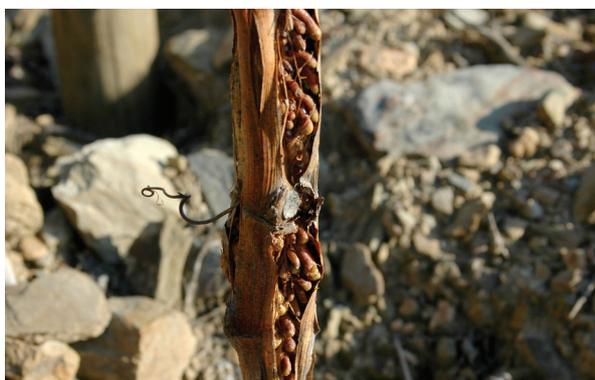
*Oídio*

**RAINHA** – *reg. do Douro* – o cavador da ponta esquerda da fila. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942).

**RAIOS DE TROVOADA** – acidente ambiental provocado por raios de relâmpagos de trovoadas, que correndo ao longo dos arames de embardamento cortam geralmente o tronco da videira nesses pontos. Como solução, resta o aproveitamento de um lançamento ladrão emitido pela parte inferior não afectada e a partir dele regenerar uma nova formação da videira.

**RAIZ DA VIDEIRA** – a raiz da videira, quando proveniente de via seminal (germinação da grainha) tem constituição apumada, com uma só raiz principal terminada por uma coifa que permite uma melhor penetração no solo, da qual são emitidas raízes secundárias, terciárias até as radículas. Contudo, sendo a videira propagada por via vegetativa, através do enraizamento de estacas pela sua parte basal, o sistema radicular é neste caso fasciculado, composto por várias raízes principais que derivam dessa zona basal, ramificando-se depois por raízes de ordem secundária, terciária, etc.

**RAIZES AÉREAS** – embora o sistema radicular seja subterrâneo, podem surgir acidentalmente, e muito raramente, raízes nos braços ou nas varas, com a forma de protuberâncias arredondadas emergentes em disposição longitudinal. As raízes aéreas são mais frequentes em regiões de clima tropical, ou induzidas



*Raízes aéreas*

por pesticidas de composição hormonal (2-4D, 2-4-5T).

**RAMADA DE RESGUARDO** – *reg. do Algarve* – talão de dois olhos que se deixa na poda definitiva da vinha, para garantir a poda do ano seguinte. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver TALÃO)

**RAMADA ou LATADA** – forma de condução de grande expansão vegetativa, que bordejando os campos de cultivo ou cobre por vezes as ruas e caminhos, que veio substituir as conduções em enforcado ou em arjoado, permitindo uma maior acessibilidade para as diversas operações culturais, nomeadamente a poda e a vindima, sendo por outro lado compatível com a realização de outras culturas sob o coberto da ramada. As videiras são conduzidas e assentam em estruturas compostas por uma superfície horizontal ou inclinada, suportadas por esteios de granito, constituídas por barras de madeira ou de ferro, nas quais se apoiam arames onde assentam os braços, as varas e pâmpanos e respectiva frutificação. (também PARREIRA, segundo Cincinnato da Costa para a região dos Vinhos Verdes) “...as ramadas são no entretanto, como as uveiras, características sobretudo do Minho, que se armam mais altas ou mais baixas, perfeitamente horizontais ou um pouco oblíquas...” (CINCINATTO DA COSTA, B. C., 1900)

**RAMPEAR (OS TALUDES EM TERRA)** – quando da armação do terreno de encosta em pata-



*Ramada*

**SUCHIO VARRIDO** ou **SUCHIO PELO PÉ** – (ver INSTALAÇÃO DA VINHA NO DOURO)

**SULFATADA** – *reg. de Trás-os-Montes* – aplicação de calda bordalesa na vinha. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942) – (ver CALDA BORDALESA)

**SULFATAR** – aplicação do sulfato de cobre (Calda Bordalesa) para o combate ao míldio.

**SULFATADORES** – designação antiga para os Pulverizadores, em diversas regiões vitícolas, para a aplicação do “sulfato – calda bordalesa”, antes do aparecimento de produtos de síntese para o combate ao míldio e outras doenças da vinha, e dos equipamentos mecânicos. – (ver PULVERIZADOR)

**SUPAPO** – *reg. do Douro* – (ver PAU DE ESPERA)

**SUPERFÍCIE FOLIAR EXPOSTA (SFE)** – superfície total exterior da sebe de uma videira, que recebendo directamente a luz solar contribui maioritariamente para a produtividade fotosintética. Não inclui pois as folhas interiores do coberto cuja actividade é gradualmente inferior à medida que nele se penetra. A sua relação com a produção individual constitui um índice qualitativo do potencial das uvas para produção de vinho. – (ver ÍNDICE DE ROUSSEAU e ÍNDICE DE TODA)

**SUPERFÍCIE FOLIAR TOTAL (SFT)** – superfície do somatório das áreas foliares da totalidade das folhas de uma videira, quer às respeitantes que definem a SFE, quer às de planos interiores, cuja funcionalidade fotossintética gradualmente diminui.

**SURRAR** – *reg. do Douro* – (ver ATEMPAR)

**SURRIBA APLANCADA** ou **APELENCADA** – *reg. do Alentejo* – “diz-se assim aquela que é feita a braço”. (TAVARES DA SILVA, D. A., 1942)

**SURRIBA À VALA** ou **SURRIBA À FAIXA E FUNIS** – surriba parcial que mobiliza apenas o terreno destinado a plantar a vinha (TAVARES

DA SILVA, D. A., 1942). Sin. MANTA ABERTA, METER A RÊSGO ou AO CALDEIRÃO, ROTA.

**SURRIBA** ou **SURRIBA À MANTA** – mobilização profunda (mínimo 1 m de profundidade), efectuada com buldózer ou charrua equipada com aivecas de grande dimensão, para preparar todo o terreno para a plantação e feita para incorporação de fertilizantes e de correctivos. Sin. de ARRANCA, ARROTEIA, CORTAR AMANTEIA, ESMANTEIA, DERREIGADA, DESSAIBRAMENTO ou SAIBRAMENTO, DESENSAIBRO, DESMONTE, MANTUA, ROÇO ou ROSSIO, ROMPEÇÃO, ROMPER, ROMPER A TERRA, SAIBRA, SAIBRADA, SURRUBA, VIRADA.

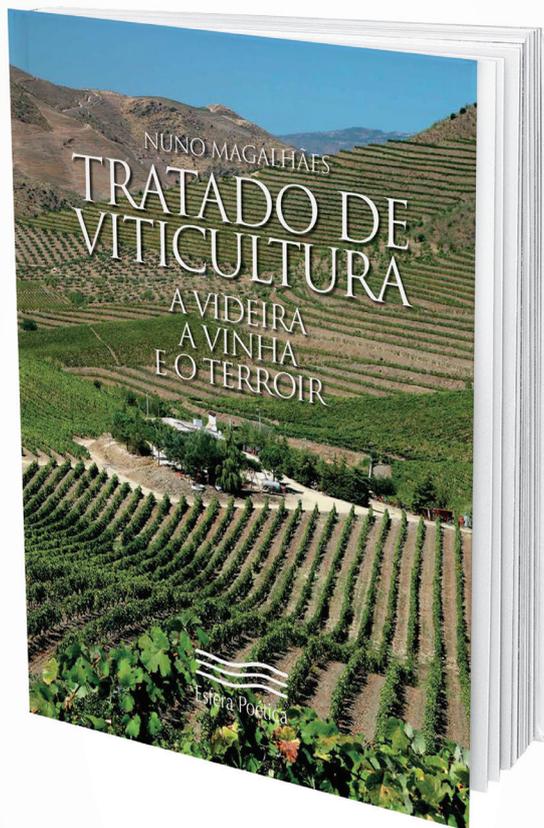
**SURRIBA DE CARAS ACIMA** – forma de surriba, ou saibramento, praticada no Douro no período pós-filoxérico. “A forma mais comum de saibrar o terreno após a filoxera era conhecida por “surriba de caras acima”, em que o desmonte da encosta tinha início na parte inferior da ladeira e os rasgos se abriam paralelamente às



*Surriba e Surriba à Manta*



*TAMBÉM DISPONÍVEL*



NUNO MAGALHÃES  
**TRATADO DE  
VITICULTURA**  
A VIDEIRA  
A VINHA  
E O TERROIR

NUNO MAGALHÃES

# ELUCIDÁRIO DE TERMOS VITÍCOLAS

PORTUGUESES, REGIONAIS E VERNÁCULOS

Edição revista e aumentada

“Na bibliografia sobre a temática vitícola, fazia falta um livro assim, que elucidasse o significado das palavras relacionadas com a vinha, muitas delas desconhecidas pela maioria das pessoas, incluindo profissionais e estudiosos. Num país de tão antiga e intensa vocação vinhateira como Portugal, a profusão de termos e expressões associadas à cultura da vinha é impressionante. É que, a par da terminologia consagrada por diferentes domínios científicos, desde a agronomia à biologia, à fitotecnia ou à ampelografia, a cultura popular associada ao trabalho da vinha criou um vocabulário específico, com imensas variações regionais ou mesmo locais. Alguns desses termos não constam sequer dos dicionários ou, quando aí aparecem, nem sempre lhes é atribuído o seu significado preciso. Por isso, este elucidário, que em boa hora o Nuno Magalhães decidiu elaborar, reunindo, pacientemente, cerca de 1.900 entradas, constitui um precioso e insubstituível auxiliar de pesquisa para todos os que se dedicam ao estudo da vinha portuguesa, qualquer que seja a perspectiva ou a área do saber. Da viticultura e outras ciências agrárias à biologia, à etnografia ou à história, dispomos agora de um repositório amplo desse manancial de palavras, com a respectiva significação, muitas vezes multimoda.

Basta folhearmos este livro para nos apercebermos do trabalho monumental realizado por Nuno Magalhães, cruzando uma multiplicidade de fontes de informação, desde velhos manuais e tratados da vinha até estudos recentes produzidos por diversas áreas científicas.”

*in Prefácio*  
*Gaspar Martins Pereira*

Prémio Distinção CNOIV 2020  
– Viticultura

**CNOIV**

Comissão Nacional da  
Organização Internacional da Vinha e do Vinho

Também disponível em formato papel



**agrobook**